

VIA TEOLÓGICA

Volume 50 – Número 25 – dez./2024
ISSN 2526-4303

A INFLUÊNCIA DO ENTRETENIMENTO DENTRO DA ESTRUTURA LITÚRGICA DOS CULTOS CRISTÃOS

THE INFLUENCE OF ENTERTAINMENT WITHIN THE
LITURGICAL STRUCTURE OF CHRISTIAN WORSHIP

Me. Jonathan Batista Maximo Salgado
Esp. Priscila Maia Machado Maximo



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional

A INFLUÊNCIA DO ENTRETENIMENTO DENTRO DA ESTRUTURA LITÚRGICA DOS CULTOS CRISTÃOS

THE INFLUENCE OF ENTERTAINMENT WITHIN THE LITURGICAL STRUCTURE OF CHRISTIAN WORSHIP

Me. Jonathan Batista Maximo Salgado¹
Esp. Priscila Maia Machado Maximo²

1 Doutorando em Teologia pela PUC-RJ, Mestre em Teologia pela PUC-RJ, Mestrando em Filosofia pela UFF, Professor da Faculdade Batista do Rio de Janeiro - FABAT e é pastor da Igreja Batista Memorial de Jacarepaguá no Rio de Janeiro. E-mail: jonathanbmsalgado@gmail.com

2 Especialista em Teologia Sistemática pela FABAPAR, Bacharel em Música pela UFRJ e Ministra de Música da Igreja Batista Memorial de Jacarepaguá.

RESUMO

Este artigo tem por finalidade analisar os impactos e as influências que os cultos públicos cristãos têm sofrido como consequência da assimilação acrítica de uma mentalidade da indústria de entretenimento. Para tal desenvolvimento, serão expostos os princípios da liturgia neotestamentária e seus objetivos. Trazendo a importância de elementos que são prioridades originais no ato da Igreja se reunir. Serão denotados aspectos importantes do conceito do entretenimento e sua atuação na sociedade corrente. E como ela, pelo processo da globalização, tem sido influenciada a padronizar formas de comportamento, mesmo em circunstâncias indevidas por conta da ausência de reflexão. Por fim, serão pontuados os aspectos de impacto decorrentes de um modelo mercadológico nas liturgias do culto cristão. Destacando perspectivas dessa influência na liturgia, assim como suas consequências comportamentais.

PALAVRAS-CHAVE

Liturgia. Culto cristão. Entretenimento. Igreja. Adoração.

ABSTRACT

This article aims to analyze the impacts and influences that Christian public cults have suffered as a consequence of the uncritical assimilation of a mentality of the entertainment industry. For this development, the principles of the New Testament liturgy and its objectives will be presented. Bringing the importance of elements that are original priorities in the act of the Church gather. Important aspects of the concept of entertainment and its functioning in today's society will be denoted. And how it, by the process of globalization, has been influenced to standardize forms of behavior, even in undue circumstances because of the lack of reflection. Finally, the impact aspects arising from a mercadological model on the liturgies of Christian worship will be pointed out. Highlighting perspectives of this influence in the liturgy, as well as its behavioral consequences.

KEYWORDS

Liturgy. Christian worship. Entertainment. Church. Adoration.

INTRODUÇÃO

A falta de reflexão sobre os cultos cristãos tem gerado anedotas nas redes sociais. Esse alto índice de chacotas, em um ambiente que deveria ser ponderado com temor e reflexão, faz-se questionar sobre como aspectos importantes e primordiais da estrutura litúrgica chegaram a um momento tão irreverente e irreflexivo. Isso para não mencionar o distanciamento das raízes históricas do culto público. As Igrejas e seus cultos têm sido influenciados por uma sociedade de espetáculo e de consumo.

Logo, o ponto central de toda vida litúrgica não evidência mais o comunitário, que por consequência gera um comprometimento dos membros, mas culmina ao redor de níveis exigidos de perfeição e espetáculos produzidos para chamar atenção de novos fiéis. Megas Igrejas são ovacionadas, espetáculos cênicos e shows evangélicos são divulgados e cada vez mais reproduzidos, por assim dizer, numa massificação do espetacular dentro da estrutura litúrgica das Igrejas.

Como se essa imagem fosse um modelo de mercado de sucesso a ser alcançado, o objetivo de toda essa estrutura gira em torno de uma disputa pela quantidade de pessoas a serem atraídas e contabilizadas para o rol de membros. A “Religião dos dias atuais partiu para o espetáculo para atrair as massas e o financiamento dos seus projetos. As questões de ordem religiosa, agora travestidas em projetos de ‘boa vida” (PATRIOTA, 2009, p. 190). Esse tipo de avaliações está mais vinculado aos pensamentos mercadológicos do que teológicos.

Dentro dos estudos de Teologia Sistemática, encontramos a Doutrina da Igreja, Eclesiologia. Uma das áreas de investigação são os propósitos do Corpo de Cristo e suas funções como comunidade que adora. Que o faz por meio de seus encontros regulares que manifestam sua representatividade do Reino, nos louvores, edificação, evangelismo e misericórdia, que são desígnios dos remidos e devem ser abordados dentro da estrutura litúrgica do culto público cristão (GRUDEM, 1999, p. 726). Dentro desse conceito, será possível revisitar a origem histórica da Igreja primitiva e rever conceitos importantes na liturgia dos cultos cristãos.

Intrinsecamente, na estrutura litúrgica, os membros do corpo de Cristo são convidados a preparar todo esse momento especial de celebração. Uns servindo aos outros, como Cristo revela nas escrituras. Dentro desta ordem pública, são desenvolvidos passos previsíveis para que a congregação participe ativamente de cada momento, mesmo que dentro da estrutura haja uma flexibilidade, tudo é programado para que todos se sintam cultuantes ao Deus vivo.

Sobre entretenimento, apresentaremos dois aspectos sobre o assunto. Em primeiro lugar, partindo do ponto de vista negativo, apontaremos algumas influências do entretenimento dentro da sociedade capitalista e os reflexos de comportamentos gerados por ela. Para isso, analisaremos alguns elementos do culto público cristão neotestamentário e seus objetivos. Em um segundo período, pensaremos a respeito do entretenimento e como ele forma um novo pensamento na sociedade de consumo.

Como desdobramento da reflexão sinalizada anteriormente, trataremos como ocorreram as primeiras influências seculares nas reuniões públicas cristãs, quais foram os reflexos do entretenimento no culto cristão e quais são as suas consequências na liturgia e nos pensamentos do povo de Deus. É possível observar, desta forma, como a igreja colonizadora foi abrindo caminho para inserções seculares no culto e, por consequência, nos princípios reproduzidos.

Concluiremos apontando os impactos e influências que os cultos públicos cristãos têm vivenciado em razão da admissão do entretenimento no ambiente litúrgico. Objetivando contribuir com a reflexão para o cenário litúrgico cristão hodierno, para não deixarmos de perceber os propósitos originais dessa reunião pública tão importante para o corpo de Cristo.

I. O CULTO CRISTÃO

Para entendermos o culto público, temos que refletir sobre uma rápida definição da sua origem, que se dá a partir da reunião dos chamados por Cristo, que se chamam Igreja. Segundo Grudem sua definição é “A Igreja é a comunidade de todos os cristãos de todos os tempos” (GRUDEM, 1999, p. 715). Dentro desse contexto, encontra-se todo o povo salvo, tanto do Antigo Testamento quanto do Novo Testamento. Daremos ênfase à Igreja Neotestamentária para direcionar as nossas exposições.

O próprio Jesus fala sobre a edificação desta Igreja “E eu lhe digo que você é Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do Hades não poderão vencê-la.”, em Mateus 16.18. A partir do encontro desse povo, estabelecido por Jesus durante o seu ministério, que tem sua primeira reunião, possivelmente, registra por Lucas (At 1.12ss), elementos de adoração começaram a ser observados, assim como seu objetivo sinalizado. Trataremos do assunto mais detalhadamente nos próximos tópicos.

II O CULTO PÚBLICO NEOTESTAMENTÁRIO

Ao avaliar o culto a partir do judaísmo, teremos dois tipos de classificações: o culto no templo, onde eram feitas as festividades e o povo ia somente para ofertar, e todo o ritual acontecia dentro do tabernáculo apenas pelos sacerdotes e levitas; e o culto sinagoga que advém de homens que se reuniam na época do exílio babilônico que tinham um caráter de fortalecimento do povo na palavra de Deus que se encontra claramente nos livros de Esdras e Neemias (ROLOFF, 2011, p. 63-64).

É importante ressaltar que, no Antigo Testamento, o culto sinagoga não anulava o efeito dos cultos no templo. E a partir destes formatos cômicos mencionados, dirigindo-nos ao Novo Testamento, Jesus assume o lugar da humanidade arrependida, se tornando o sumo sacerdote e o cordeiro para sempre. Justificando e anulando o culto no templo. Porque o sacrifício realizado por Ele só precisou ser feito uma única vez, como diz o texto de Hebreus 7.27-28.

Mas o próprio Cristo, na última ceia, ordena que os seus discípulos continuem se reunindo (Lc 22.19) e, a partir da celebração dessa ceia, se iniciam os cultos celebrados da Igreja neotestamentária. Roloff explica assim essa transformação para o processo de culto neotestamentário:

Por isso as *refeições festivas* que Jesus realizava com os publicanos e pecadores, os excluídos e impuros na margem extrema do povo de Deus faziam parte das características mais salientes da sua atuação (Mc 2.16; Mt 11.10; Lc 7.34). Ao conceder comunhão de mesa na qualidade de anfitrião, ele expressava em forma de sinal a solicitude de Deus aos pecadores. Ao mesmo tempo, o comer e o beber em conjunto eram uma imagem do tempo vindouro da salvação, uma antecipação da comunhão de mesa futura no senhorio consumado de Deus (ROLOFF, 2011, p. 67).

Os discípulos, em rodízios de casas, se reuniam sempre em expectativa escatológica, devido às aparições do próprio Cristo ressurreto, como em Lucas 24. 41-43 (ROLOFF, 2011, p. 71). Suas reuniões derivaram de ceias celebrativas judaicas. No início da Igreja primitiva, não existiam estruturas litúrgicas registradas, mas apenas no final do primeiro século, temos registros de textos bíblicos, como em I Timóteo 4.13, sobre a leitura da palavra e o ensino que sucedia em torno da ceia.

Portanto, o primeiro culto identificado é o culto eucarístico. Essas leituras, que eram realizadas, se davam por citações de textos do antigo testamento e das palavras de Jesus. Somente a partir do século II, pode-se dizer que uma ordem fixa de leitura foi registrada e que havia orações e louvores em suas reuniões. Em Atos 20.7, diz que Paulo falou, discursou, antes do partir do pão, representando também o momento de ensino e pregação nos momentos de culto.

Embora o culto mais frequente fosse o da ceia que acontecia no dia do Senhor, existiam também outros encontros públicos que aconteciam como cultos da palavra, que tinham formas fixas de leitura bíblica, interpretação e oração, assim como encontros de oração no decorrer da semana, todos derivados dos encontros judaicos de orações de leituras do antigo testamento, que eram os cultos sinagogais.

O culto batismal também era uma prática recorrente na Igreja cristã e considerado o mais importante. Era o meio inédito que o cristianismo teve, onde a salvação por meio de Cristo Jesus era proclamada pelos novos membros. Paulo afirma que “fomos sepultados com ele na morte por meio do batismo, a fim de que, assim como Cristo foi ressuscitado dos mortos mediante a glória do Pai, também nós vivamos uma vida nova” (Rm 6.4). Tornando o batismo, então, o ato de iniciação da vida do cristão ao convívio com o povo escatológico de Deus.

Ao se perceber, o culto neotestamentário eram momentos intensos de comunhão, adoração, fortalecimento dos cristãos na palavra, assim como proclamação do evangelho e acolhimento dos novos crentes na comunidade de fé. Entender esses processos possibilita-nos a recordar os propósitos da igreja no culto cristão.

12 OBJETIVOS DO CULTO PÚBLICO

Wayne Grudem (1999, p. 726), diz que a Igreja tem propósitos diferentes com relação a Deus, aos cristãos e ao mundo. Com relação a Deus, o propósito de seu povo em se reunir é a adoração. Em Efésios 1.12 temos essa afirmação “a fim de que nós, os que primeiro esperamos em Cristo, sejamos para o louvor da sua glória.”. Os propósitos da Igreja com os cristãos se manifestam na edificação desse corpo. Paulo, na sua carta à Igreja de Éfeso, fala que Deus concede dons para que a Igreja seja edificada no corpo de Cristo e cresça até a estatura dele (Ef 4.12-13).

Em último plano, relacionando a Igreja com o mundo, o autor cita a evangelização, ordem dada em Mateus 28.19, e ao ministério de misericórdia que se estende ao cuidado com os pobres e dos necessitados (GRUDEM, 1999, p. 726-727). Logo, consideraremos o culto público como um momento de manifestação dessas três características da Igreja. E a partir deste ponto de vista, refletiremos sobre essa reunião, sendo a manifestação desse povo de remidos.

Se a Igreja é uma palavra refletida no plural, encontramos a sua expressão concretizada nessa reunião. Uma pessoa que se diz Igreja e não congrega, não é Igreja (MERKER, 2022, p. 58).

O culto cristão permeia objetivos ímpares para a Igreja de Cristo. Basicamente, o que necessitamos compreender primeiramente é que essa reunião é feita em nome de Jesus (ROLOFF, 2011, p. 98). A Igreja se reúne porque Cristo nos incentiva a nos reunir em nome dele, e nos possibilita esse acesso ao Pai. Em nome de Jesus, nos lembramos da história desse Deus que se tornou homem e que tomou os pecados de toda a humanidade, podendo assim se fazer justiça em nosso favor. Esse Cristo nos torna um só povo e nos dá acesso diante de Deus.

Quando Jesus morreu, diz o evangelho de Marcos no capítulo 15.38, o véu se rasgou de alto a baixo. Esse véu era a representação da separação entre Deus e os homens. Jesus, como sacerdote, possibilita o

relacionamento do resgatado com o Pai. Compara-se o culto com um banquete vivenciado ainda na terra, entre a família formada por Cristo, desfrutando das bênçãos do Pai. Bênçãos essas que se manifestam através da adoração a Deus, da edificação ao próximo e do evangelismo e atos de misericórdia para outros não alcançados. Fonseca escreve em sua tese:

Ao reunir-se como conjunto celebrante, as comunidades cristãs são ao mesmo tempo objeto e agente da salvação: objeto enquanto já experimentaram a salvação, que, como descrito acima, é razão da celebração; agente, pelo fato que ao reunir-se como congregação dos salvos, definem a própria identidade perante o mundo e se tornam portadoras da mensagem evangélica (FONSECA, 2015, p. 30).

Portanto, as reuniões públicas são importantes manifestações da Igreja de Cristo. Que é manifestação do coletivo, da comunidade aliançada no nome de Jesus Cristo. Ao se tornarem um só corpo, Deus pode agir através do seu Santo Espírito, cumprindo o Seu propósito para o seu povo. Esses pressupostos apresentam oposição ao pensamento individualista de consumo, na satisfação pessoal do “assistir” ao culto, comparado a um delivery personalizado de comida.

2. O ENTRETENIMENTO NA SOCIEDADE

Nos próximos tópicos, abordaremos definições e explicações sobre entretenimento, com ênfase na distinção entre ludicidade pedagógica e entretenimento como alienação. Além disso, exploraremos como a sociedade tem sido influenciada em direção a um mercado que visa a satisfação imediata, resultando na massificação do ideal consumista, intencionalmente alinhado às ideologias capitalistas.

2.1 O ENTRETENIMENTO NA EXPERIÊNCIA HUMANA

O sentido da palavra entretenimento vem de duas palavras do latim *inter* e *tenere*, que significam “entre” e “ter” respectivamente, que gerou a palavra no inglês *entertainment* traduzida por aquilo que diverte com distração ou recreação (GABLER *apud* COAN, 2012, p. 2). A partir dessa definição, contraporemos a compreensão positiva da possibilidade de um lúdico pedagógico, apenas indicando essa possibilidade de entretenimento proveitoso, porque o jogar e o brincar entram no campo do prazer, em oposição ao aspecto negativo do entreter, num lúdico no sentido de enganar, de uma fuga da realidade e de falta de expressão.

Sobre esse aspecto negativo, abordaremos sobre o entretenimento como uma ideia de alguma atividade que atrai a atenção do público, gerando alienação, passatempo, e/ou algo que se faz apenas pelo prazer, abordando o lúdico, no sentido de ludibriar os envolvidos, manipulando-os de alguma forma, para que o objetivo almejado seja alcançado.

Na abordagem positiva do entretenimento, é possível observar alguns pensamentos sobre brincadeiras e fantasias, segundo alguns teóricos, apontando possibilidades positivas de uma pedagogia lúdica, aplicada ao ensino e à expressão do eu interior. Para Freud, entender a brincadeira é coisa séria. Em “O poeta e o artista”, ele compara a brincadeira da criança com a criação de um mundo com elementos imaginativos que projetam apoio para a realidade do mundo visível. O poeta cria, da mesma forma que a criança, um mundo imaginativo a partir de suas palavras, trocando a brincadeira pelas fantasias (COAN, 2012, p. 2).

Segundo Vygotsky, a partir do brincar espontâneo, a criança tem uma gama maior de possibilidades para demonstrar o seu querer em seu desenvolvimento. Em Bettelheim “Nenhuma criança brinca só para passar

o tempo, sua escolha é motivada por processos íntimos, desejos, problemas, ansiedades” (BETTELHEIM *apud* TANURE; PINTO, 2017, p. 302). Muitos estudiosos falam sobre perceber que a natureza humana se expressa via momentos lúdicos e imaginativos.

Inclusive, os cultos manifestam expressões poéticas de como exprimir o divino (HUIZINGA *apud* COAN, 2012, p. 4). Tais pensamentos nos mostram que o lúdico, se voltado para a expressão de brincar e jogar, pode ter uma abordagem positiva. Percebemos que a natureza humana se expressa por momentos lúdicos e imaginativos. Mostramos esse aspecto para não haver possibilidade em encarar toda a forma de entretenimento de modo negativo. Mas não vamos nos ater nesse tópico.

Ponderando entretenimento da segunda forma exposta acima, embasamos nosso pensamento a partir de Luiz Carlos Ramos, que por sua vez tem como base o pensamento do jornalista, escritor e crítico cinematográfico, Neal Gabler, que afirma que o entretenimento é o oposto da arte. A arte nos remete à ideia de “deixar sair”, “colocar para fora”, enquanto o entretenimento vai “puxando-nos para dentro de nós mesmos para nos negar a perspectiva” (GLAUBER *apud* RAMOS, 2010, p. 182).

Conseqüentemente, nesse segundo aspecto, o entretenimento não é utilizado como uma realização de uma possível expressão de seu público, mas, antagônico a isso, um afastamento da realidade. As sensações experimentadas são as finalidades proporcionadas para os receptores. Essas respostas produzidas precisam gerar contentamento e reproduzir um lugar fácil na memória do público envolvido.

Considerando essas intenções de manipulação e um constante agrado aos receptores, gerando sempre o prazer imediato esperado, podemos afirmar que não deveríamos desejar esse tipo de pensamento dentro do ambiente litúrgico, que é de expressão de louvor e adoração a Deus, com toda a consciência sugerida por Paulo no livro de Romanos capítulo 12.1-2.

2.2 O ENTRETENIMENTO NUMA SOCIEDADE DE CONSUMO

Com o propósito de entender melhor como a sociedade contemporânea foi desenvolvendo uma conduta inerente ao consumo, abordaremos de forma objetiva alguns fatores que contribuíram para essa prática. Observando a transição de comportamento manipulado do trabalho como subsistência para a inserção da necessidade do serviço para um maior consumo.

Com a revolução industrial, no século XVIII, e uma crescente do capitalismo no mundo, com cargas horárias exorbitantes de trabalho, a massa assalariada anseia e é incentivada pelo consumismo a direcionar suas frustrações e cansaços no lazer. De preferência, um ócio que gerasse outras fontes de renda e movimentasse o mercado capitalista. Com um aumento constante do trabalho na carga horária do assalariado, o anseio dominado da sociedade do século XXI é o descanso, o ócio. E desde esse momento na história, o consumismo vem sendo desenvolvido.

Segundo Emerson I. Coan, o elo entre entretenimento e capitalismo acontece em três planos. O primeiro quando relacionamos o tempo livre com o tempo de trabalho, pois substituímos a fuga do trabalho com a satisfação no consumo de bens de entretenimento; o segundo na agregação de diversão e consumo, quando as férias ou o lazer se tornam uma mercadoria, e em último lugar, na submissão da diversão ao princípio de utilidade, então a diversão acaba por ser a continuação do trabalho (COAN, 2012, p. 6).

A partir desses conceitos, percebe-se que todo o tempo livre da sociedade de consumo deixa de ser um momento de desligamento do cotidiano, para ser um tempo aproveitado, investido, consumido. Os meios pelos quais este período é usufruído são por canais cheios de anúncios publicitários. Essas mídias padronizaram e alimentaram um comportamento de autossatisfação. Perceba esse dito que Coan faz, em seu artigo, ao resumir o estudo de Gabler:

Neal Gabler sustenta que a vida se tornou um filme. A aplicação deliberada de técnicas teatrais em política, religião, educação, literatura, comércio, guerra, crime, em tudo, converteu todos os ramos da indústria do entretenimento, na qual o objetivo supremo é ganhar, satisfazer uma audiência, com “uma força tão esmagadora que acabou produzindo uma metástase e virando a própria vida” (GABLER, 1999. 13; COAN, 2012, p. 10).

O ser humano precisa do ócio. O comportamento lúdico é pertencente ao ser humano. O problema é quando não há uma reflexão sobre a influência dessa imagem oriunda do consumismo, formada para uma manipulação acrítica, para que a indústria cultural lucre e os pensamentos sejam uma forma de reprodução em massa para um propósito capitalista. Estar no conceito de moda é o que importa, modelando um tipo de comportamento esperado sem que a pessoa perceba a sua real necessidade.

3. OS IMPACTOS DE UM MODELO MERCADOLÓGICO NA LITURGIA DO CULTO CRISTÃO

Na presente seção, abordaremos sobre como essas influências mercadológicas surgiram no ambiente religioso do protestantismo e algumas de suas consequências no culto e liturgia cristã. Para isso, dividiremos a seção em duas partes, abordando as primeiras influências seculares no culto público e, posteriormente, as consequências na liturgia cristã.

3.1 AS PRIMEIRAS INFLUÊNCIAS SECULARES NO CULTO PÚBLICO

Durante todo o surgimento da Igreja, ela sempre se mostrou contra influências de pensamentos pagãos dentro do ambiente religioso, principalmente por conta da proposta do reino de Deus de fazer a diferença do pensamento mundano. O próprio apóstolo Paulo, em sua carta a Igreja de Romanos, no capítulo 12, versículo 2, discursa especificamente para que a Igreja não vivesse segundo os padrões deste mundo.

Na idade Média, o pensamento da sociedade era, de forma geral, regido pela religião. Então, a Igreja ditava os comportamentos e pensamentos. Mas no século XIX, com o aumento exponencial de denominações religiosas, a busca por fiéis foi flexibilizando a entrada de influências de entretenimento dentro do culto público. O protestantismo, para atrair o público, usa elementos “divertidos” que tornam os elementos antigos tradicionais desprezados pelos seguidores. Fazendo com que os adeptos prefiram a emoção à teologia (RAMOS, 2010, p. 183).

O assunto de ciência litúrgica é vasto. Quando falamos sobre culto, temos de nos lembrar sobre “a arte de celebrar Deus” (DEGAN, 2014, p. 304). Nessa arte, precisamos entrar com o contexto histórico, geográfico, pedagógico e cultural do país. Pois dessa forma teremos uma percepção sobre o uso que a liturgia tem no espaço congregacional.

A história do culto protestante no Brasil, se torna um pouco mais extensa, considerando as diversas influências de imigrantes protestantes em que fomos originados. E ainda precisamos considerar a expansão denominacional dentro do nosso território brasileiro com reflexos sociais e políticos, em muitas denominações por leigos, sem o entendimento necessário do significado e importância de uma liturgia cultural. Por essa razão, muitas vezes não há a reflexão sobre elementos inegociáveis no culto cristão. Estruturas que, por questões bíblicas e históricas, fazem parte da tradição litúrgica. A linguagem social deve entrar em nossa liturgia, mas sem perder a essência bíblica de cada momento do culto.

3.2 CONSEQUÊNCIAS NA LITURGIA CRISTÃ

Diante de uma mudança tão significativa na estrutura de todo o funcionamento do protestantismo, carregamos o fardo da superficialidade que toda essa influência do entretenimento gerou no culto cristão. No culto se iniciam comportamentos a serem avaliados pelos participantes. Considerando a intensidade da emoção experimentada, e é deixado de lado o fervor religioso e o aspecto de serviço prestado a Deus e aos irmãos na comunidade.

Essa troca de valores é comparada por Gabler, que constata que “ao rejeitar uma religião racional em favor de uma religião emocional e imoderada” os evangélicos se colocam “nas mesmas fileiras do entretenimento” (RAMOS, 2010, p. 184). Questões como o serviço voluntário dentro da igreja, se tornam cada vez mais difíceis de lidar, porque as pessoas têm atribuído suas disponibilidades de auxílio comunitário a mais trabalho.

Com isso, elas utilizam uma mentalidade usada no dia a dia de transferir responsabilidades diárias para serviços contratados. Em suas casas, se não é possível fazer o alimento, é comprado o alimento já pronto. Se não querem limpar suas casas, contratam o serviço, transferindo toda a responsabilidade para outra pessoa. Isso acaba por produzir uma mentalidade na sociedade de consumo que reflete no comportamento das pessoas dentro da Igreja, e por consequência, dentro do culto. A realidade econômica das igrejas, declaram essas constatações atualmente.

Quando se insere essa realidade no ambiente litúrgico, se tira o foco da adoração a Deus e participação da comunidade e direciona-se essa experiência toda para o eu. As pessoas não desejam mais se colocar no papel de servos, mas de observadores. Não toleram erros e dificuldades, mas pagam para que tudo funcione perfeitamente. Caso suas vontades não sejam satisfeitas, simplesmente transformam a realidade, mudando de Igreja para uma próxima lista possível que vá satisfazer seus caprichos. Uma realidade de consumo extremamente individual e egocêntrica não deve fazer parte do corpo de Cristo.

Esses reflexos retiram do culto elementos extremamente importantes para uma caminhada cristã, como o ensino voltado para a exposição da palavra. Transferindo essa importância para uma linguagem empresarial, que se torna uma espécie de teologia coach, direcionada para autoajuda. Gerando uma ignorância dos fundamentos bíblicos essenciais e da história do protestantismo. “A situação nas Igrejas cristãs, salvo as honrosas e raras exceções, é de extrema pobreza e mediocridade nos púlpitos. Dominicalmente são oferecidos sermões mortos, pregações vazias, discursos inócuos, preleções insossas” (SANTOS, 2013). Conseqüentemente, se permite uma maior manipulação dos membros sem instrução.

A hinódia cristã cheia de doutrina se perde, abrindo espaço para músicas populares que gerem um êxtase emocional. Não que a música em si já não gere algum tipo de sensibilização emotiva, mas esses tipos de elementos devem ser usados para o louvor e adoração, e o ensino das escrituras. Cuidando para que a igreja seja fortalecida nos elementos corretos, logo, qualquer tipo de música que suspenda a consciência e reflexão não deveria ser inserida no ambiente litúrgico.

Na tradição litúrgica, práticas perseveraram na história das igrejas como o momento de adoração, de confissão, de segurança na graça de Cristo, de ações de graças, de petição e intercessão, de aprendizagem na palavra de Deus e consciência de viver submisso à vontade de Deus e sua benção (MERKER, 2022, p. 119). Esses pontos têm sido desconsiderados em vertentes seculares para haver um funcionamento mais fluido e emocional para a satisfação do mercado. Para concluir esse tópico, na tese de doutorado de Fonseca, ele cita:

Guimarães afirma que “a liturgia não é um ato individual. É uma ação comunitária e uma resposta coletiva de amor a Deus que nos chama à sua intimidade, por meio de Jesus Cristo” (FONSECA, 2015, p. 23).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, mesmo ao analisar as necessidades do fazer culto usando formas e símbolos contextualizados, precisamos atentar para a importância de utilizar um pensamento crítico sobre nossa liturgia. Elementos, formas e circunstâncias precisam ser considerados para chegar a um consenso dos fundamentos litúrgicos. Quando falamos de protestantismo reformado, temos 5 elementos que fazem parte do culto: a leitura da palavra, orar a palavra, pregar a palavra, cantar a palavra e ver a palavra (batismo e ceia do Senhor) (MERKER, 2022, p. 92).

Esses princípios são orientadores no caminho litúrgico e livram os líderes de terem que fazer ou ser algo para atrair pessoas ou gerar entretenimento para o seu “público”. Além disso, socorrem os fiéis de jugos de tiranos. Merker diz: “Liberdade não significa fazer o que *queremos* fazer na igreja. Significa descansar na alegria de que estamos fazendo o que Deus quer que façamos” (MERKER, 2022, p. 98).

Como Degen diz no manual litúrgico, “Elementos tradicionais e reconhecíveis geram a sensação de ter raízes e seguranças” (DEGEN, 214, p. 306). Descartar toda uma tradição para se enquadrar na superficialidade gerada pelo entretenimento seria anular até mesmo instruções bíblicas sobre como devemos agir na nossa caminhada de fé e, por consequência, nas nossas estruturas litúrgicas, como em 2 Tessalonicenses 3.6.

É necessário perceber como o ambiente do culto público cristão é importante pedagogicamente para o caminhar diário da comunidade em uma vida de fé e prática. Nesse momento é ensinado como o cristão deve manter uma vida de oração. As músicas congregacionais fortalecem a palavra no coração e a vontade de adorar a Deus. Todos os atos devem servir para edificar dos irmãos e por consequência ser fortalecido através da comunhão. Também se destacam o incentivo do estudo bíblico diário e o gerar a consciência de serviço como forma de gratidão pela justificação em Cristo Jesus, além de manter a chama da missão de evangelização acesa até os últimos dias.

O entretenimento no culto cristão tem gerado crentes que procuram uma satisfação imediata. Pessoas que precisam desfrutar de uma atração para sentirem o frenesi que as justifiquem viverem aquele momento. Além de uma alienação do significado de coletivo, e uma justificação do “crente” individualista. E quando se enquadram nessa vertente da singularidade, muitas vezes vivem um aspecto empresarial, e não acolhedor e pedagógico. É importante o alerta da análise se há influências do entretenimento de uma sociedade de consumo nos cultos atuais. E a busca do significado original de culto público cristão.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Julio César. A Reforma da Missa por Martin Lutero: princípios para o fazer litúrgico no contexto brasileiro 500 anos depois. *ATeo*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 62, p. 434-454, mai./ago.2019
- ASHTON, Mark. *Louvor: análise teológica e prática*. Rio de Janeiro: Thomas Nelson, 2017.
- BETIM, Luciano Azambuja. O Culto e seus elementos sob a perspectiva bíblico-reformada. *Teologia e Espiritualidade*. Vol. 5, n. 9. Curitiba: 2018.
- BÍBLIA. Português. *Bíblia de estudo NAA*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2018.
- COAN, Emerson Ike. O domínio do entretenimento na contemporaneidade. *Revista Ação Midiática - Estudos em comunicação, sociedade e cultura*. Vol. 2, n. 2. Universidade Federal do Paraná: Ano 2012.
- CULVER, Robert Duncan. *Teologia Sistemática: bíblica e histórica*. São Paulo: Shedd, 2012.
- DEGEN, Roland. In: *Manual de Ciência Litúrgica*. Ed: Hans-Christoph Schimidt-Lauber, Michael Meyer-Blanck e Karl-Heinrich Bieritz. São Leopoldo: Sinodal, 2014. Volume 3.
- FONSECA, Elildes Junio Macharete. *O Resgate da Centralidade Cristológica no Culto: uma análise teológico-prática das Igrejas batistas litorâneas fluminenses*. Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2015.
- GRUDEM, Wayne A. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Vida Nova, 1999.
- HAHN, C. J. *História do culto protestante no Brasil*. São Paulo: ASTE, 1989.
- HORTON, Michael. *Simplemente Crente: por uma vida cristã comum*. São José dos Campos: Fiel, 2016.
- MATOS, A. S. “Confissão de Fé de Westminster (1646)”. In: *Brasil Presbiteriano*, Ano 50 / Nº 635, Agosto de 2007.
- MERKER, Matt. *Culto público: a Igreja reunida como povo de Deus*. São Paulo: Vida Nova, 2022.
- PATRIOTA, Karla Regina Macêna Pereira. Um Show destinado às massas: uma reflexão sobre o entretenimento religioso na esfera midiática. *TOMO*, São Cristóvão- CE, nº 14, jan./jun. 2009.
- QUIRINO, Ademilson Tadeu. *Teologia da escuta: palavra e rito na experiência litúrgico-cristã*. Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia, 2022.
- RAMOS, Luiz Carlos. *Culto e entretenimento na sociedade do espetáculo*. Disponível em <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/Caminhando/article/viewFile/2151/2267>>, acesso em: 06 de julho de 2023.
- ROLOFF, Jürgen. In: *Manual de Ciência Litúrgica*./ Ed: Hans-Christoph Schimidt-Lauber, Michael Meyer-Blanck e Karl-Heinrich Bieritz. São Leopoldo: Sinodal, 2011. Volume 1.
- SANTOS, Judiclay S. O declínio da pregação e a decadência da Igreja. *Teologia Brasileira*. São Paulo, nº 22, 2013.
- SCHMIDT-LAUBER, H.-C.; BIERITZ, K.-H.; MEYER-BLANCK, M. (Eds.). *Manual de Ciência Litúrgica: práticas especiais do culto cristão*. São Leopoldo: EST / Sinodal, 2016. Volume 4.
- SÊGA, Christina Maria Pedrazza. Publicidade, entretenimento e consumo: aspectos interativos. *Revista Novos olhares*. Vol. 1, n. 2.
- SHEDD, Russel P. *Adoração bíblica: os fundamentos da verdadeira adoração*. São Paulo: Vida Nova, 2007.

SMITH, James K. A. **Desejando o Reino: culto, cosmovisão e formação cultural.** São Paulo: Vida Nova, 2018.

TANURE, Paula Guimarães Andrade; PINTO, Paula Pereira Sanders. **Percepção de psicólogos acerca da importância do brincar espontâneo para o desenvolvimento da criança.** UNIFACS, 2017.

TEMKE, Cecília. **A indústria de entretenimento: como funciona, suas ameaças e possíveis soluções, e a questão dos incentivos.** Monografia apresentada ao Departamento de Ciências Econômicas da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 2010.